



CONT **Y**A-CORRENTE

A análise da conjuntura econômica na visão e linguagem do sindicalismo classista e dos movimentos sociais

Boletim quinzenal de conjuntura econômica do ILAESE

Ano 01, Nº 08 - 1º de setembro de 2011

A Copa no Brasil será a mais cara da história e 98,5% serão pagos com dinheiro público

O Ministério dos Esportes estima que serão gastos R\$ 23,3 bilhões com o evento; deste montante, apenas R\$ 336 milhões sairão da iniciativa privada e nenhum centavo da FIFA. No especial sobre a Copa do Mundo desta quinzena, o Contracorrente vai analisar os bilionários negócios do capitalismo-espetáculo.

Por Daniel Romero

Elas eram milhares e levavam faixas, bandeiras e panfletos. Abordavam quem se aproximava, explicavam suas reivindicações e pediam apoio.

Nas palavras de ordem e nos materiais, o que mais se ouvia e lia era FORA!

Após semanas de preparação, 27 entidades do Brasil inteiro decidiram organizar uma grande manifestação nacional.

Mas atenção, não estamos nos referindo ao grande e importante ato organizado pela CSP-Conlutas e demais entidades em Brasília no úl-

timo dia 24, e sim àquele que surpreendeu a todos os que foram aos estádios no último final de semana assistir aos jogos do campeonato brasileiro.

As torcidas organizadas se manifestaram no Brasil inteiro em uma campanha nacional pela saída de Ricardo Teixeira da CBF e por uma Copa com prestação de contas.

Entre estas, as do Internacional, Palmeiras, São Paulo, Ceará e Figueirense simplesmente deram um show, realizando a mais importante e bela manifestação política do futebol brasileiro.

Motivos não faltam

para reivindicar. Afinal, a Copa tem se mostrado uma temporada de caça aos cofres públicos. No entanto, a corrupção não é o único problema.

Neste segundo número especial sobre a Copa, vamos analisar porque os governos do mundo todo tanto se interessam por sediar estes grandes eventos e como estes transformam o futebol.

Nos próximos números, analisaremos os projetos de construção dos estádios e as políticas de remoção e segregação sócio-espacial para viabilizar as obras de infraestrutura.

ESPECIAL COPA 2014



Pequeno futebol,
grandes
negócios

Os preparativos da Copa: entre o espetáculo e a farsa

Ninguém duvida que Na Copa do Mundo é um grande espetáculo, mas antes dos jogadores e torcida entrarem em cena em 2014, é a farsa que toma conta do palco, com uma história dividida em quatro atos e vários protagonistas.

Ato 01 – A farsa das eleições. Assim como nas eleições burguesas, as eleições para a sede da Copa do Mundo também tiveram uma grande dose de farsa e um dos maiores protagonistas foi a CBF.

Em 2007, quando o Brasil ainda era candidato à sede da Copa, o orçamento previsto pela entidade máxima do futebol brasileiro para a construção dos estádios era de R\$ 2 bilhões e a CBF garantia que nenhum recurso público seria destinado para a construção dos mesmos.

Ato 02 – A farsa dos projetos. Terminadas as eleições da sede da Copa, o protagonismo recaiu sobre o governo Lula e seu Ministro dos Esportes, Orlando Silva, além dos governos estaduais. Segundo o Ministério dos Esportes, os estádios agora estão orçados em R\$ 5,7 bilhões, sendo que os governos



No domingo (28), torcida do Internacional exige a saída de Ricardo Teixeira. No detalhe, governo Lula e CBF no lançamento oficial em 2010 da Copa do Mundo no Brasil.

federal e estaduais ficarão responsáveis por R\$ 5,4 bilhões. Ainda em 2010, o governo Lula abriu uma linha especial do BNDES só para financiar as obras dos estádios.

Os valores dos estádios já são superiores aos da Copa da Alemanha e África do Sul, que ficaram em 3,22 e 4,15 bilhões de reais respectivamente.

Ato 03 – A farsa da falta de planejamento. Além dos governos, entram em cena as grandes empreiteiras, responsáveis

pela construção das obras. Se tomarmos como referência o Pan do Rio em 2007, cujo orçamento inicial era de R\$ 400 milhões e os gastos ficaram em torno de R\$ 3,7 bilhões, ou seja, 800% maior do que o previsto, o orçamento inicial da Copa de 2014 sofrerá novos “reajustes” até o início dos jogos.

A desculpa será a mesma: a falta de planejamento. Seja como for, 2013 e 2014 serão os anos em que as várias obras “atrasadas” miraculosa-

mente ficarão prontas com aportes suplementares e contratos em regime de urgência e sem licitação.

Ato 04 – A farsa das investigações. Várias denúncias de corrupção vão surgir e o governo vai falar que os responsáveis deverão ser punidos, convocando a Polícia Federal para realizar investigações. Todos sabemos o fim desta história.

Ah, é verdade que tem atletas e torcedores, mas eles não são os protagonistas das Copas.

O capitalismo-espetáculo

Quem não se lembra da efusiva comemoração de Lula, seu Ministro dos Esportes e dos governantes do Rio de Janeiro quando a cidade foi escolhida sede das Olimpíadas de 2016? Ou do empenho pessoal do mesmo presidente em trazer a Copa do Mundo para o Brasil?

Mesmo com menos empenho, ainda assim os outros governos envolvidos também se comprometeram diretamente com os referidos eventos esportivos.

A escolha das ci-

dades-sede, quer seja nos eventos da FIFA ou as Olimpíadas, não reúne apenas atletas, cartolas e imprensa. Atualmente, tais temas viraram assuntos de Estado, convocando os principais chefes de governo do mundo.

Mas, por que sediar tais eventos mobiliza tanto os governos do mundo todo?

Os donos da bola

A explicação disso está relacionada com a ascensão das políticas neoliberais, combinada com a financeirização da economia e o aumento do fluxo

internacional de capitais, que promoveram mudanças tanto na gestão dos eventos esportivos quanto na gestão das cidades e na participação dos Estados.

No que se refere à gestão dos eventos esportivos, passou a existir um processo crescente de sua mercantilização e, atualmente, tais eventos têm como principal objetivo servir de vitrine para grandes marcas multinacionais, como Nike, Coca-Cola, Visa e outras.

Os grandes eventos esportivos e similares se tornaram um ramo especí-

fico da indústria do entretenimento caracterizado de *capitalismo-espetáculo*.

Algumas consequências deste processo são bem visíveis pelo público, como a ridícula transformação dos atletas em verdadeiros *outdoors* ambulantes.

Outras nem tanto, como as negociações entre empresas, entidades organizadoras e governos.

O preço da festa

Neste quesito, a FIFA tem se mostrado campeã. Se ficarmos só com os dados oficiais apresentados pela entidade, a previsão é que ela arrecade R\$ 6 bilhões com direitos de transmissão e marketing.

Os lucros da FIFA com o Mundial estão estimados em R\$ 318 milhões.

No entanto, apesar do discurso do governo Dilma da necessidade de reduzir gastos para justificar os cortes em áreas sociais e o arrocho salarial, um acordo do governo com a FIFA isentou todo o faturamento do Mundial de impostos até 2015.

Com esta medida, estima-se que o Brasil vai deixar de arrecadar cerca de R\$ 500 milhões.



Com extrema organização, torcida do Palmeiras faz um painel humano com “Fora Ricardo Teixeira” no lugar da ordem e do progresso.

A mais-valia do capitalismo-espetáculo

Como qualquer empresa, os clubes de futebol se utilizam de métodos para valorizar o seu capital que poderíamos denominar de “mais-valia do entretenimento”, com semelhanças ao que Marx identificou nas fábricas.

Dentro da divisão internacional do entretenimento, os países periféricos se utilizam da “mais-valia absoluta” para

desempenho e lesões sucessivas, mas bastante rentável para patrocinadores e a Rede Globo.

Apesar da mistificação, é a precarização do trabalho que marca a vida dos jogadores profissionais no Brasil.

Assim como o café brasileiro, os melhores jogadores são exportados e os demais servem para consumo interno. Entre

tentam se profissionalizar todos os anos, formando um Exército de Reserva da Bola.

No caso dos países centrais, é a “mais-valia relativa” quem ocupa o papel principal: o grande volume de investimentos permitiu a internacionalização dos clubes, aumentando o consumo dos seus eventos. Existe um grande esforço midiático

a expulsão da classe trabalhadora dos estádios em função do preço alto dos ingressos.

O cineasta inglês Ken Loach, no seu filme *A Procura de Érick*, aborda com humor este fenômeno. Érick, um carteiro e pai solteiro com dois filhos, comenta sobre como era assistir os jogos nos estádios: “É tão bom que você esquece o resto



Torcida do Ceará apresenta sua palavra de ordem para a Copa

aumentar a lucratividade do capital. Neste caso, trata-se de aumentar o tempo de trabalho e de exposição dos jogadores, resultando em campeonatos produzidos em massa.

Das 52 semanas do ano, em 46 o futebol brasileiro fica em exposição, com os seus 02 campeonatos nacionais e os vários estaduais, sem contar a Libertadores e o Mundial de Clubes.

A super jornada de trabalho dos atletas produz um futebol de baixo

estes, a grande maioria recebe um salário mínimo, não tem sindicato independente e é tão concorrido ser jogador de elite quanto passar em vestibular para medicina em universidade pública.

Segundo a FIFA, o Brasil é o país com o maior número de jogadores profissionais, com 16.200 inscritos. Como apenas 220 são titulares dos times da primeira divisão, são cerca de 74 concorrentes por vaga, sem contar os milhares de jovens que

para que o futebol europeu seja assistido no mundo todo.

Não por acaso, é comum ver no Brasil torcedores “apaixonados desde criancinha” por times espanhóis, italianos etc.

Isto torna estes atletas mais “produtivos” em termos de visibilidade.

Futebol: esporte popular?

Se, por um lado, o modelo europeu produziu jogos mais atrativos, sua contrapartida foi a elitização do futebol, com

da sua vida por algumas horas! Sinto falta dos jogos. É o único lugar onde podemos extravasar sem sermos presos. Berrar, gritar, rir... Onde mais podemos cantar bem alto com nossos amigos? É disso que eu sinto falta. Faz uns 10 anos desde a última vez em que fui a um jogo”.

O mesmo valerá para nós em 2014: mesmo a Copa sendo no Brasil, quem terá condições de acompanhar os jogos nos estádios? ●